

Performance dos Jovens no Mercado de Trabalho

Janaína Feijó e Paulo Peruchetti

O mercado de trabalho performou acima das expectativas ao longo dos últimos meses, com forte geração de postos com carteira assinada e baixa taxa de desemprego. As cinco regiões brasileiras também conseguiram melhorar seus indicadores. No entanto, um grupo que ainda permanece tendo dificuldades para conseguir um emprego é o dos jovens. Este grupo tem enfrentado maiores desafios para se inserir no mercado de trabalho, pois, geralmente, possui níveis de experiência e escolaridade insuficientes ou incompatíveis com os requisitos das vagas ofertadas.

A baixa inserção dos jovens no mercado de trabalho é um dos muitos desafios contemporâneos para o desenvolvimento dos países, pois a inatividade dessa mão de obra de alto potencial pode gerar consequências adversas na vida dos próprios indivíduos e na economia do país em que residem. Tendo em vista a importância do tema e a elevada representatividade deste grupo na população brasileira, analisaremos os principais indicadores de mercado de trabalho nas regiões brasileiras para o grupo de jovens.

De acordo com os microdados do 1º tri de 2024 da PNAD Contínua, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem cerca de 48 milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos e estes correspondem a 27,4% da população brasileira em idade para trabalhar¹. Há doze anos, no 1º tri de 2012, este grupo era ainda maior e representava 33,8% da PIA. O principal fator associado a esta perda de participação ao longo do tempo é a transição demográfica pela qual o Brasil tem passado.

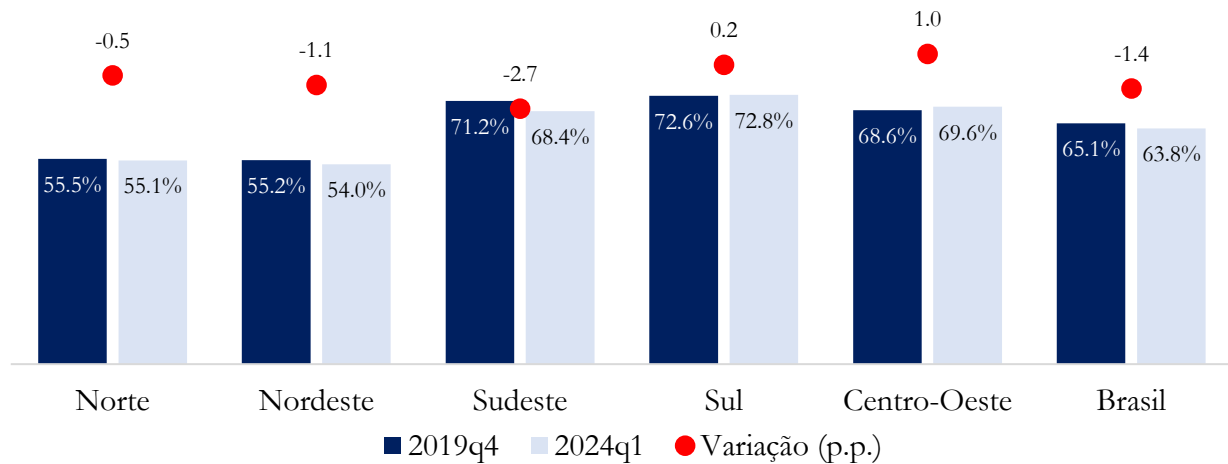
O primeiro desafio dos jovens no mercado de trabalho está relacionado a decisão de participar da força de trabalho. Embora a participação possa ocorrer de duas formas, trabalhando (ocupado) ou buscando por um emprego (caso esteja desocupado), a decisão em participar é influenciada por uma série de fatores associados às questões socioeconômicas, tais como rendimento domiciliar, composição familiar, oportunidades locais, escolaridade, dentre outros.

O Gráfico 1 mostra que no 1º tri de 2024 a taxa de participação dos jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos foi de 63,8%, ou seja, 1,4 p.p. abaixo do observado no período pré-pandemia (4º tri de 2019), mas ainda foi acima da taxa agregada para pessoas de 14 anos ou mais (61,9%). As menores taxas de participação para esse grupo etário foram registradas no Norte (55,1%) e no Nordeste (54,0%). Além disso, os valores de ambas as regiões permanecem inferiores aos reportados ao final de 2019, quando as regiões Norte e Norte registraram taxas de 55,5% e 55,2%, respectivamente. No Sudeste, a taxa de participação dos jovens no 1º tri deste ano (68,4%) também ficou abaixo daquela observada no 4º tri de 2019 (71,2%).

¹ A definição mais abrangente considera como jovens aquelas pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Outras consideram pessoas com idade entre 15 e 24 anos.

Já as regiões Sul e Centro-Oeste registraram taxas superiores aos patamares do 4º tri de 2019 e continuaram sendo as duas regiões com as maiores taxas de participação de jovens de 15 e 29 anos no mercado de trabalho. As taxas de participação dessas duas regiões no 1º tri de 2024 foi de 72,8% e 69,6%, respectivamente.

Gráfico 1 - Taxa de Participação de jovens entre 15 e 29 anos. Brasil e Regiões.



Fonte: FGV IBRE com base nos microdados da PNAD Contínua do IBGE.

Vale ressaltar que os subgrupos dentro da faixa etária 15-29 anos apresentam padrões diferentes. A taxa de participação de jovens com idade entre 15 e 17 anos, por exemplo, tende a ser mais baixa do que a dos demais grupos, dado que nesta fase da vida a maioria dos adolescentes apenas estuda, ou seja, está fora da força de trabalho. Já entre os que tem entre 18 e 24 anos, com a finalização do ciclo básico de estudo, a participação no mercado tende a ser um pouco maior, pois uma parte tende a buscar por um emprego e/ou ingressar no ensino superior. Entre os de 25 a 29 anos espera-se que a maior parte já esteja participando do mercado de trabalho, com emprego, e uma minoria ainda estude e trabalhe.²

Considerando os que estão na força de trabalho, observa-se que a taxa de desemprego dos jovens de 15 a 29 anos no Brasil foi de 14,2% no 1º tri de 2024. Embora a taxa esteja em dois dígitos, o indicador apresentou uma melhora quando comparado ao último trimestre de 2019 (19,9%). No 1º tri de 2024 o Nordeste foi a região que registrou a maior taxa de desemprego entre jovens dessa faixa etária, com 19,7%, e as menores taxa foram reportadas no Sul (9,0%) e no Centro Oeste (11,2%).

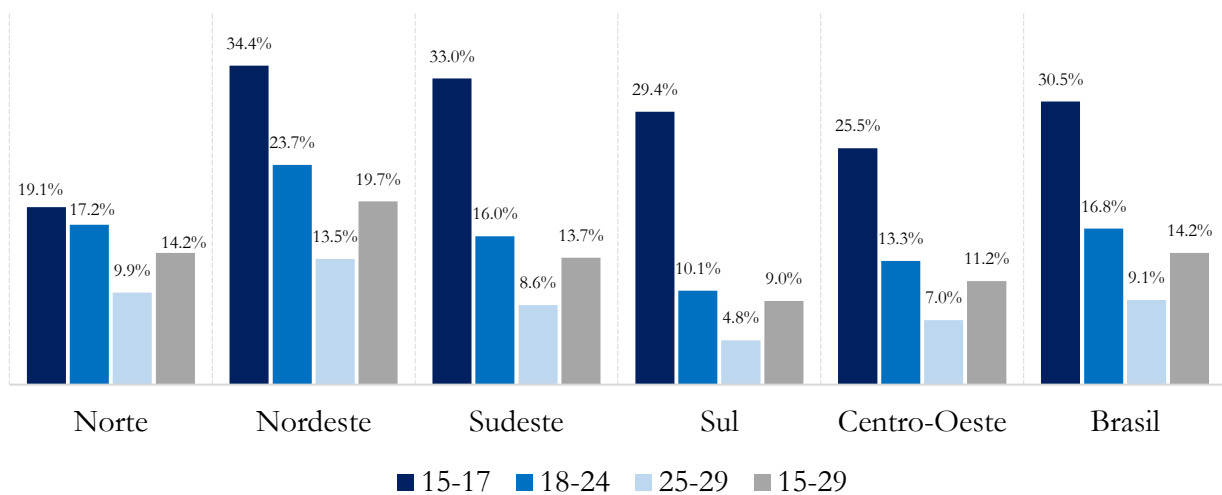
Ao desagregar por subfaixas etárias, observa-se que a incidência do desemprego é maior entre os jovens com idade entre 15 e 17 anos, seguido pela faixa de 18 a 24 anos e, posteriormente, pela de 25 a 29 anos.

² Recentemente o IBGE divulgou um módulo anual de Educação da PNAD Contínua que analisa, dentre outros temas, a condição de estudo e ocupação das pessoas de 15 a 29 anos de idade. Os dados mostram que no Brasil, em 2023, havia 48,5 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade e 15,3% delas estavam ocupadas e estudando, 19,8% não estavam ocupadas nem estudando, 25,5% não estavam ocupadas, porém estudavam e 39,4% estavam ocupadas e não estudavam. Além disso, cerca de 25,6% das mulheres não estavam ocupadas, nem estudando ou se qualificando, enquanto 14,2% dos homens estavam nessa condição. Por outro lado, a proporção dos homens que apenas trabalhavam (47,3%) superava a das mulheres (31,3%) nessa condição. Os dados podem ser acessados através do link: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>

A medida em que os adolescentes crescem e migram para faixas etárias mais elevadas, há uma maior propensão de acumulação de capital humano (educação e experiência) que, por sua vez, reduz os desafios para conseguir o emprego. Por isso, a idade tende a ser negativamente correlacionada com desemprego, ou seja, quanto mais elevado grupo etário, menor a ocorrência de desemprego.

Nota-se também que as taxas de desemprego no Nordeste, independente da faixa etária analisada, são maiores do que nas demais regiões e no Brasil. Entre os jovens de 18 a 24 anos que estavam na força de trabalho Nordestina no 1º tri de 2024, quase ¼ (23,7%) estavam buscando emprego. Essa taxa foi muito superior as observadas no Sul (10,1%), Centro Oeste (13,3%), Sudeste (16%) e Norte (17,2%). É importante notar que a baixa taxa de desemprego entre jovens de 15 a 17 anos no Norte se deve ao fato de que nesta região a maior parte dos adolescentes não oferta sua mão de obra no mercado de trabalho.

Gráfico 2 - Taxa de Desemprego entre os jovens. 1º Trimestre de 2024. Brasil e Regiões.



Fonte: FGV IBRE com base nos microdados da PNAD Contínua do IBGE.

O *trade-off* entre trabalho e estudo acontece de forma mais intensa para o grupo etário de 18 a 24 anos. Nessa fase da vida, a entrada na universidade pode postergar a inserção do jovem no mercado de trabalho, mas aumenta as suas chances de ter um emprego melhor após alguns anos. Por outro lado, o jovem que opta apenas por trabalhar compromete suas oportunidades e ganhos salariais futuros, pois em um mercado de trabalho com intensas transformações e absorção de novas tecnologias, a qualificação se torna imprescindível.

Os desafios também se apresentam para aqueles que buscam uma conciliação entre trabalho e estudo. Centenas de jovens brasileiros possuem condições socioeconômicas que não os permitem apenas estudar e/ou compreendem que apenas trabalhar sem se qualificar pode comprometer a longo prazo sua renda. A necessidade de trabalhar, a baixa escolaridade e a pouca experiência influenciam diretamente o tipo e a qualidade dos postos de trabalho dos jovens empregados

Conforme mostra a Tabela 1, a atuação dos jovens trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos é altamente concentrada em atividades dos setores de serviços e comércio. Observa-se que a metade dos jovens de 18 a 24 anos trabalham em apenas 20 ocupações. Além disso, as 10 ocupações com as maiores

participações de jovens detêm cerca de 1/3 (32,7%) de todos os jovens trabalhadores nesta faixa etária. Há uma alta concentração de jovens trabalhando como Balconistas e vendedores de lojas (7,9%), Escriturários gerais (7,1%) e Caixas e Expedidores de bilhetes (3,0%).

Tabela 1- As 20 ocupações que mais concentram jovens trabalhadores com idade entre 18 a 24 anos no 1º Trimestre de 2024. Brasil.

RK	Ocupações	PO	% no Total
1	Balconistas e vendedores de lojas	1.000.488	7,9%
2	Escriturários gerais	896.741	7,1%
3	Caixas e expedidores de bilhetes	379.331	3,0%
4	Trabalhadores elementares da construção de edifícios	354.698	2,8%
5	Receptionistas em geral	307.034	2,4%
6	Especialistas em tratamento de beleza e afins	251.224	2,0%
7	Trabalhadores de controle de abastecimento e estoques	245.319	1,9%
8	Repositores de prateleiras	240.670	1,9%
9	Trabalhadores elementares da agricultura	224.363	1,8%
10	Condutores de motocicletas	217.536	1,7%
11	Mecânicos e reparadores de veículos a motor	215.644	1,7%
12	Carregadores	213.674	1,7%
13	Agricultores e trab. qualificados em ativ da agricultura (exclusive hortas, viveiros e	212.359	1,7%
14	Cuidadores de crianças	198.639	1,6%
15	Trabalhadores de limpeza de interior de edifícios, escritórios, hotéis e outros	195.585	1,6%
16	Balconistas dos serviços de alimentação	188.197	1,5%
17	Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	185.918	1,5%
18	Trabalhadores elementares da indústria de transformação não classificados anteriormente	180.917	1,4%
19	Trabalhadores de centrais de atendimento	176.862	1,4%
20	Garçons	173.095	1,4%
Total das 20 ocupações		6.058.293	48,1%
Todas as ocupações		12.592.13	100%

Fonte: FGV IBRE com base nos microdados da PNAD Contínua do IBGE.

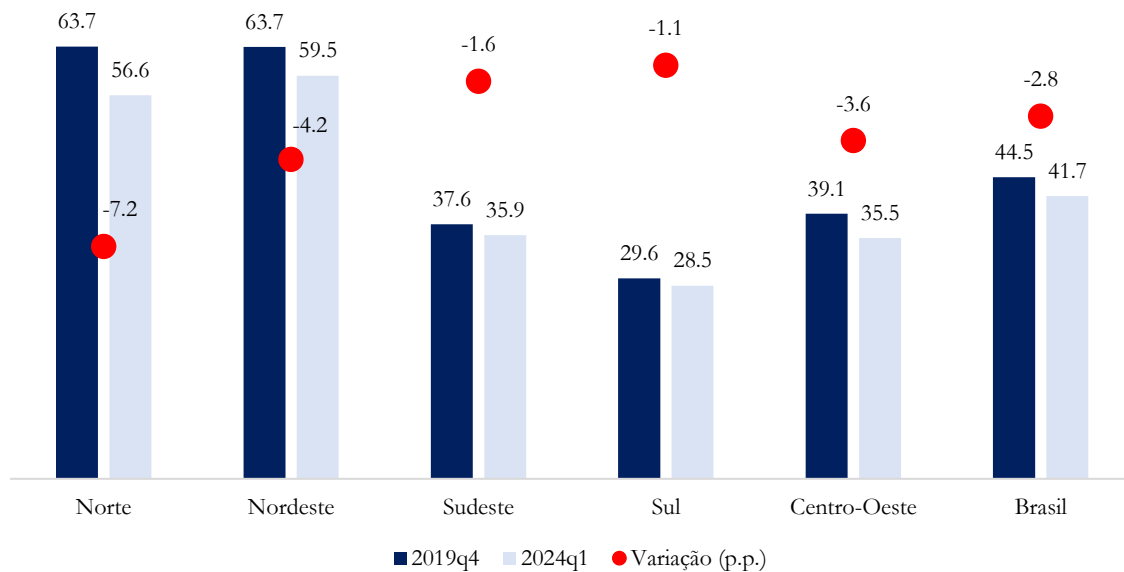
As ocupações listadas anteriormente tendem a ser consideradas de pouca complexidade, baixa exigência de conhecimento especializado, alto grau de informalidade e baixos salários. Essas características tornam essas ocupações mais atrativas para os jovens entre 18 a 24 anos, pois estes ainda estão em uma fase de acúmulo de experiência e educação e buscam por uma primeira oportunidade no mercado de trabalho.

A informalidade tem sido um dos principais problemas do mercado de trabalho brasileiro nas últimas décadas e é, ainda hoje, uma das principais formas de absorver jovens no mercado de trabalho. A taxa de informalidade do Brasil no trimestre móvel encerrado em maio de 2024 foi de 38,6%. Ou seja, o nível do indicador permanece elevado, embora se encontre em um patamar melhor do que os registrados em anos anteriores. Já a taxa de informalidade apenas para jovens de 18 a 24 anos foi de 41,7% no 1º tri de 2024, acima da taxa de informalidade da população total ocupada (14 anos ou mais), mas 2,8 p.p. inferior ao seu próprio nível no 4º tri de 2019, conforme mostra o Gráfico 3.

Analisando o desempenho deste indicador regionalmente no 1º tri de 2024, observa-se que há dois polos de convergência. Enquanto as regiões Norte (56,6%) e Nordeste (59,5%) reportaram taxas superiores à do Brasil (41,7%), o Centro-Oeste (35,5%) e o Sudeste (35,9%) permaneceram abaixo da média nacional. A menor taxa de informalidade para jovens com idade entre 18 e 24 anos foi registrada no Sul (28,5%).

Nota-se que a cada dez jovens de 18 a 24 anos no Norte e Nordeste, quase seis estão na informalidade. Já no Sudeste e Centro Oeste a cada dez jovens, quase quatro estão na informalidade. Vale salientar que embora as taxas do Norte e Nordeste sejam muito elevadas, essas duas regiões foram as que apresentaram as maiores quedas em relação ao período pré-pandemia, com redução de 7,2 e 4,2 p.p., respectivamente.

Gráfico 3 – Taxa de Informalidade (%) entre os jovens de 18 a 24 anos e Variação (p.p.). Brasil e Regiões.

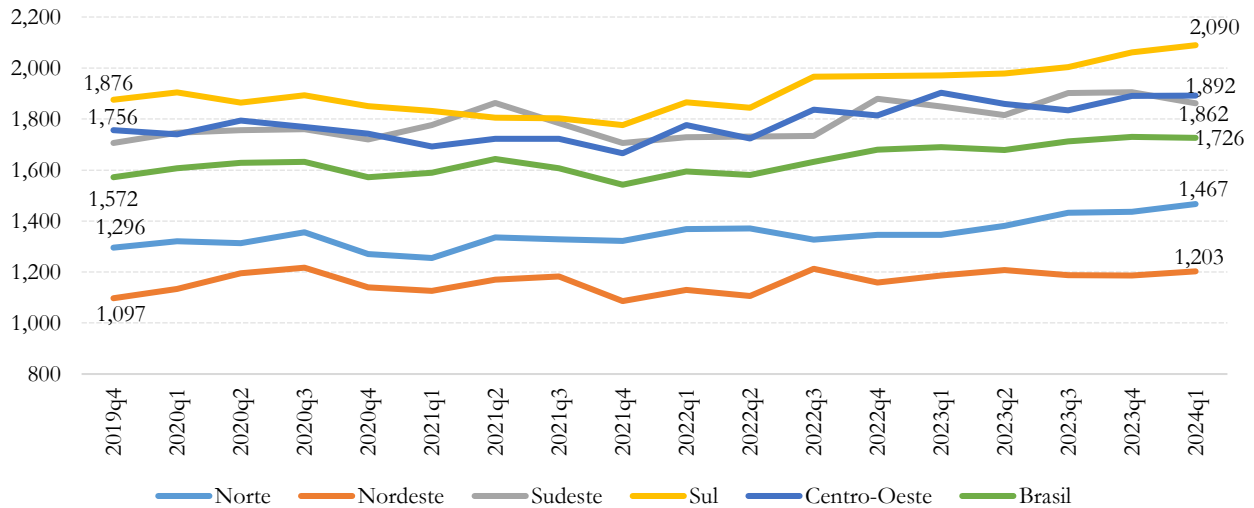


Fonte: FGV IBRE com base nos microdados da PNAD Contínua do IBGE.

A alta incidência de jovens entre 18 e 24 anos em ocupações de baixa complexidade e alta informalidade repercute diretamente nos ganhos oriundos do seu trabalho. Os salários refletem a produtividade do trabalhador e que, por sua vez, está relacionada ao grau de complexidade da função, nível educacional e experiência. O Gráfico 4 mostra que o rendimento do trabalho dos jovens nesta faixa etária foi R\$ 1.726 no 1º tri de 2024. Esse valor ficou abaixo do rendimento da população brasileira total ocupada no mesmo período (R\$ 3.123).

Além da média salarial dos jovens de 18 a 24 anos ser mais baixa do que a média total, os níveis são ainda mais baixos nas regiões Nordeste (R\$ 1.203) e Norte (R\$ 1.467). Por outro lado, o maior rendimento médio foi obtido entre os jovens do Sul (R\$ 2.090). Vale ressaltar que todas as regiões têm registrado ganhos reais nos seus rendimentos médios ao longo dos últimos quatro anos. Desde o 3º tri de 2022 os incrementos nos salários têm ocorrido de forma mais expressiva. Em números, os rendimentos do Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro Oeste, atualmente estão, respectivamente, 13,2%, 9,6%, 9,2%, 11,4% e 7,7% acima do observado no quarto trimestre de 2019.

Gráfico 4 – Evolução do rendimento real habitual médio de todos os trabalhos da população ocupada com idade entre 18 e 24 anos. Brasil e Regiões. 4º trimestre de 2019 ao 1º trimestre de 2024.



Fonte: FGV IBRE com base nos microdados da PNAD Contínua do IBGE.

Em resumo, nos concentramos em analisar a performance dos jovens no mercado de trabalho das regiões brasileiras. A população entre 15 e 29 anos representa uma parte significativa da população em idade para trabalhar, contudo, não tem performado tão bem. Verificou-se que as taxas de desemprego e informalidade são elevadas entre os jovens, principalmente entre os de 18 a 24 anos. A situação se torna ainda mais grave nas regiões Norte e Nordeste. No Nordeste, por exemplo, cerca de 60% dos jovens de 18 a 24 anos atuam na informalidade e a taxa de desemprego deste grupo é superior a 20%.

As relações de trabalho e os empregos têm passado por profundas mudanças quanto aos conhecimentos requeridos e uma grande parcela dos jovens tem encontrado dificuldades para atender a estes requisitos devido, principalmente, a baixa escolaridade e experiência. Portanto, o fomento a capacitação e aos ganhos de experiência são cruciais para a trajetória profissional dos jovens e para atenuar o quadro atual.

O presente diagnóstico pode ser um insumo importante na elaboração e condução de políticas públicas que visam o aumento de empregabilidade juvenil. É imprescindível pensar em estratégias que ajudem os jovens a acumularem as habilidades e conhecimentos demandados pelas vagas de emprego. Por meio de programas de capacitação, requalificação e políticas de primeiro emprego, a inserção do jovem poderá acontecer de forma mais efetiva e duradoura.